

Redes sociais e inserção da população pobre no mercado de trabalho: uma análise a partir de uma cidade média do Rio Grande do Sul

Marco André Cadoná¹

Cláudia Tirelli²

Sílvia Virgínia Areosa³

Resumo

O artigo trata dos resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar a influência das redes sociais sobre as dinâmicas de inserção e de permanência de populações pobres no mercado de trabalho. As trajetórias de trabalho de indivíduos residentes em bairros periféricos da cidade de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, são tomadas como referências para a análise de como as redes sociais estão presentes tanto no momento da procura de uma ocupação quanto na criação de condições para que “que se possa trabalhar”. A análise dos dados levantados durante a pesquisa, através da aplicação de um formulário de pesquisa junto a 108 trabalhadores e trabalhadoras, indica a importância das redes de apoio familiar, constituindo-se em “lugares de ajuda” tanto para que se possa trabalhar quanto para que se possa enfrentar as dificuldades que decorrem de trajetórias descontínuas de trabalho, caracterizadas por períodos de ocupação que se intercalam com períodos de desemprego.

Palavras-chave: Redes familiares, população pobre, mercado de trabalho, cidades médias.

Redes sociales e inserción de la población pobre en el mercado laboral: un análisis de una ciudad promedio de Rio Grande do Sul.

Resumen

El artículo aborda los resultados de una investigación que tuvo como objetivo analizar la influencia de las redes sociales en la dinámica de inserción y permanencia de poblaciones pobres en el mercado laboral. Las trayectorias laborales de los individuos residentes en barrios periféricos de la ciudad de Santa Cruz do Sul, en Rio Grande do Sul, se toman como referentes para el análisis de cómo las redes sociales están presentes tanto en la búsqueda de ocupación como en la creación de condiciones para que “ese pueda trabajar”. El análisis de los datos recolectados durante la investigación, mediante la aplicación de un formulario de encuesta a 108 trabajadores y trabajadoras, indica la importancia de las redes de apoyo familiar, constituyendo “lugares de ayuda” tanto para el trabajo como para que se pueden afrontar las dificultades derivadas de trayectorias laborales discontinuas, caracterizadas por periodos de ocupación que se intercalan con periodos de desempleo.

Palabras clave: Redes familiares, población pobre, mercado laboral, ciudades medianas.

Social networks and insertion of the poor population in the labor market: an analysis from an average city in Rio Grande do Sul.

Abstract

The article deals with the results of a research that aimed to analyze the influence of social networks on the dynamics of insertion and permanence of poor populations in the labor market. The work trajectories of individuals living in peripheral neighborhoods in the city of Santa Cruz do Sul, in Rio Grande do Sul, are taken as references for the analysis of how the social networks are present both when looking for an occupation and when creating conditions

¹ Doutorado em Sociologia Política (UFSC). Professor no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Email: marco14cadona@hotmail.com

² Doutorado em Sociologia (UFRGS). Professora no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Email: ctirelli@unisc.br

³ Doutorado em Serviço Social (PUCRS). Professora no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). <https://orcid.org/0000-0001-7308-0724> Email: sareosa@unisc.br

so that “that one can work”. The analysis of the data collected during the research, through the application of a survey form with 108 male and female workers, indicates the importance of family support networks, constituting “places of help” both for working and for that one can face the difficulties that result from discontinuous work trajectories, characterized by periods of occupation that are interspersed with periods of unemployment.

Keywords: Family networks, poor population, labor market, medium-sized cities.

1 Introdução

Neste trabalho apresentamos os resultados de uma pesquisa realizada com o objetivo de analisar a influência das redes sociais sobre as dinâmicas de inserção e de permanência de populações pobres no mercado de trabalho. As trajetórias de inserção nos mercados de trabalho de indivíduos residentes em bairros periféricos da cidade de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, são tomadas como referências para a análise de como as redes de interações sociais estão presentes tanto no momento da procura de uma ocupação quanto na criação de condições para que “que se possa trabalhar”.

Para parcelas significativas da população no Brasil, em especial para a população pobre, a inserção no mercado de trabalho sempre esteve vinculada a dinâmicas de precarização, decorrentes de experiências frequentes de desemprego, da informalidade, de ocupação temporárias, das baixas remunerações, do distanciamento em relação a uma proteção legal do trabalho e, mesmo, de instituições de representação sociopolítica.

Nesse sentido, ganha importância a compreensão das estratégias que as populações pobres estabelecem para articular emprego e desemprego em suas trajetórias de trabalho. O que exige perceber as formas como organizam suas vidas familiares e suas relações sociais para conseguirem manter-se no mercado de trabalho, os meios de garantia – suas condições mínimas de reprodução individual e coletiva – e os significados que o trabalho e as diferentes formas de ocupação/desocupação ganham em suas trajetórias nos mercados de trabalho.

E é nessa direção que o trabalho se orienta pela preocupação em compreender o lugar que as redes sociais ocupam na inserção e na permanência de pessoas pobres nos mercados de trabalhos. Uma preocupação que, sob o ponto de vista teórico, coloca em questão tanto o conceito de inserção profissional quanto a discussão acerca da importância das redes sociais como condicionante do acesso de oportunidades sociais e econômicas.

Em relação à inserção profissional, a perspectiva que orienta a análise se distancia tanto de uma abordagem motivacional, que atribui aos indivíduos a capacidade e a responsabilidade no estabelecimento de estratégias de busca de emprego e de articulação entre trabalho e tempo livre, quanto de uma perspectiva institucional, que atribui importância às instituições sociais e

políticas (inclusive de Estado) na intermediação de empregos e na criação de condições de inserção e de permanência no mercado de trabalho. Adotamos, nesse sentido, uma perspectiva relacional, a partir da qual se entende que as formas de inserção e de permanência dos indivíduos e grupos nos mercados de trabalho compreendem um conjunto complexo de interações entre indivíduos, entre indivíduos e grupos/instituições sociais, entre instituições e mercado de trabalho etc.

Em relação às redes sociais, entendemos que essas são condicionantes importantes no acesso (ou falta de acesso) a oportunidades e condições para a inserção e para a permanência nos mercados de trabalho. O acesso ao mercado de trabalho, as articulações necessárias para que se possa trabalhar, em especial no que diz respeito aos compromissos familiares, a garantia de condições de sobrevivência principalmente em momentos de desemprego, o apoio moral para manter-se motivado no e para o trabalho, são questões que são influenciadas pelas conexões dos indivíduos entre si, entre os indivíduos e grupos sociais, entre os indivíduos e as instituições sociais que atuam na intermediação de empregos e na criação de condições de empregabilidade/ocupação. Nesse sentido, diferentes formas de inserção e de permanência no mercado de trabalho podem resultar de um maior ou menor isolamento social decorrente de padrões de relações cotidianas mais ou menos inclusivas.

Foi a partir da problemática indicada e das questões teóricas apresentadas que realizamos a pesquisa. Uma pesquisa que, sob o ponto de vista do trabalho de campo realizado, se utilizou de um levantamento junto a cento e oito trabalhadores/trabalhadoras residentes em cinco bairros localizados nas periferias da cidade de Santa Cruz do Sul. Cento e oito trabalhadores/trabalhadoras que aceitaram responder um formulário de pesquisa estruturado a partir de três eixos temáticos: o perfil socioeconômico; as trajetórias de inserção nos mercados de trabalho; as redes sociais nas experiências de trabalho.

O artigo encontra-se dividido em três seções, além desta introdução. Primeiramente, apresenta uma visão teórica a partir do conceito de redes sociais em Granovetter, em seguida analisa o perfil socioeconômico dos trabalhadores e trabalhadoras entrevistados e suas estratégias de ocupação e de produção de renda, e, por fim, discute a inserção no mercado de trabalho e a importância das redes sociais.

2 Redes sociais e e estratégias de inserção e de permanência da população pobre nos mercados de trabalho

As análises acerca da importância das redes sociais nas dinâmicas de inserção e de permanência de indivíduos e grupos sociais nos mercados de trabalho não são novas nas ciências sociais. Ainda durante a década de 1970, o sociólogo norte-americano Mark Granovetter realizou investigações sobre oportunidades ocupacionais e mobilidade profissional nos mercados de trabalho de seu País que resultaram em contribuições teóricas de grande importância nessas análises.

Em suas investigações, Granovetter enfatizou a importância dos contatos pessoais e das redes sociais nos mercados de trabalho. A seu ver, embora os meios formais (propagandas, agências de empregos, concursos) sejam importantes para as oportunidades ocupacionais que os indivíduos têm nos mercados de trabalho, são os meios informais, aqueles estabelecidos através dos “contatos pessoais” – com amigos, colegas e familiares – os mais promissores para a localização e oportunidades de emprego (GRANOVETTER, 1973). A busca de uma ocupação, portanto, é mais do que um processo racional, se relacionando com outros processos sociais (contatos pessoais e redes sociais) que condicionam os seus resultados.

[...] os atores não se comportam nem tomam decisões como átomos fora de um contexto social, e nem adotam de forma servil um roteiro escrito para eles pela intersecção específica de categoriais sociais que eles porventura ocupem. Em vez disso, suas tentativas de realizar ações com propósito estão imersas em sistemas concretos e contínuos de relações sociais. (GRANOVETTER, 2007, p. 9).

Mas, além disso, a partir de suas investigações Granovetter concluiu que as informações necessárias – e mobilizadas nos mercados de trabalho – circulam melhor quando são considerados os “laços fracos” estabelecidos pelos indivíduos, ou seja, aqueles com os quais eles se vinculam por meio de redes sociais pouco densas, mas com uma diversidade maior de contatos. O recurso aos “laços fortes”, presentes nas redes sociais mais densas – como as que são estabelecidas entre as redes familiares, de amigos próximos e vizinhança – tende a conduzir a um fechamento das informações, não favorecendo a interação com um universo mais amplo de acesso de conhecimentos e de informações úteis no momento da busca de oportunidades nos mercados de trabalho (GRANOVETTER, 1973).

O que Granovetter constatou, portanto, foi que os chamados “laços fracos”, embora impliquem contatos pessoais menos densos, são estabelecidos entre indivíduos com experiências e formações diversas, a partir das quais se pode ampliar as possibilidades de acesso

de informações. São os “laços fracos” que conectam os indivíduos com outros grupos sociais, potencializando a capacidade de rompimento com as configurações de isolamento a que estão sujeitos quando inseridos em seus grupos sociais mais próximos. Nas redes de “laços fortes” se estabelece uma identidade comum, com dinâmicas sociais que permitem que os indivíduos participem dos mesmos círculos sociais e do compartilhamento de informações que estão circunscritas a esses círculos. Poucos “laços fracos”, nesse sentido, tendem a privar os indivíduos de informações de espaços mais distantes e diversificados, limitando o conhecimento e as informações que têm ao círculo das relações mais próximas.

Importante destacar que a contribuição de Granovetter tornou-se uma referência teórica na análise de como as redes sociais condicionam as dinâmicas de inserção e de mobilidade dos trabalhadores nos mercados de trabalho pela perspectiva relacional que oferece. Uma perspectiva que rompe tanto com análises que relativizam a importância das relações sociais nas escolhas e nos comportamentos dos indivíduos (apostando que esses tomam suas decisões de forma racional, a partir de interesses e preferências descoladas de seus meios sociais), quanto com as análises que superestimam a influência dos condicionamentos estruturais nas disposições dos indivíduos.

Contudo, as investigações de Granovetter instigaram pesquisas e preocupações teóricas decorrentes do próprio ceticismo quanto ao alcance de suas conclusões (o lugar dos “laços fortes” e dos “laços fracos”) para a compreensão desses processos em diferentes contextos históricos e, também, entre diferentes grupos, segmentos e classes sociais, considerando, inclusive, as ocupações localizadas em diferentes níveis hierárquicos.

João Peixoto e Catarina Egreja, por exemplo, ao analisarem as “estratégias de emprego entre imigrantes brasileiros em Portugal”, chamam atenção para as especificidades dos mercados internacionais de trabalho, nos quais as “barreiras institucionais” (políticas de imigração, controle de fronteiras, regulação dos mercados nacionais) “prejudicam a circulação do fator trabalho” (PEIXOTO, EGREJA, 2012, p. 264). Nesses contextos, argumentam os autores, os laços sociais entre familiares, parentes, amigos, conterrâneos, ajudam a difundir informações e “atuam como suporte econômico e social aos movimentos e podem desenvolver uma cultura de mobilidade que afeta as decisões individuais” (PEIXOTO, EGREJA, 2012, p. 264).

A investigação realizada pelos autores visando compreender a importância das redes sociais entre imigrantes brasileiros em Portugal na obtenção de empregos, bem como testar a hipótese de Granovetter segundo a qual os “laços fracos” são mais importantes do que os “laços fortes” nessa obtenção, alcançou resultados interessantes. Em primeiro lugar, assinalam os

autores, as redes sociais – incluindo as redes estabelecidas entre amigos, familiares e, também, com portugueses – têm maior poder explicativo do que “outros meios para a obtenção de emprego em Portugal” (PEIXOTO, EGREJA, 2012, p. 278). Em segundo lugar, “as redes menos densas parecem ter maior capacidade explicativa para obter emprego do que as mais densas”, seja por que os contatos com “amigos brasileiros” e “portugueses” ocorrem em maior número do que os contatos com “familiares”, seja por que na medida em que diminui o recurso com os amigos e familiares (laços fortes), “aumenta a ligação com ‘portugueses’ (laços fracos)” (PEIXOTO, EGREJA, 2012, p. 278). Contudo, destacam os autores, os “laços fortes” tendem a conduzir a “trabalhos pouco qualificados” e com maiores dificuldades para a mobilidade profissional, enquanto que os trabalhos mais qualificados estão mais vinculados aos “laços fracos” (PEIXOTO, EGREJA, 2012, p. 278). Por fim, os autores também constataram que são os trabalhadores menos qualificados que acionam as redes sociais com familiares, amigos, intermediários brasileiros, enquanto os trabalhadores mais qualificados recorrem mais a “meios formais de recrutamento”, além de serem alvos de convites diretos pelas empresas (PEIXOTO, EGREJA, 2012, p. 278).

Destaque-se, também, os estudos realizados por Nádyá Araújo Guimarães, sobre a importância das redes sociais no acesso a oportunidades de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo (GUIMARÃES 2009). Em suas pesquisas, seguindo a orientação dos estudos de Granovetter, a autora demonstrou que parcelas significativas de indivíduos consideram “as informações obtidas junto a familiares, amigos e conhecidos como sendo a forma mais corrente de buscar trabalho”, sendo que para uma parcela significativa de indivíduos essa é a forma que se mostra efetiva na obtenção de um emprego (GUIMARÃES, 2009, p. 162). Suas pesquisas, nesse sentido, diferentemente do que os estudos de Granovetter concluíram, indicaram que os contatos de maior relevância provêm dos chamados “elos fortes” (GUIMARÃES, 2009, p. 162). A autora conclui, também, que as redes formadas pelo circuito familiar e de vizinhança tendem a resultar em precárias qualidades dos empregos, empregos de curta duração e de “baixo prestígio se comparados aos empregos obtidos através dos circuitos profissionais de circulação da informação” (GUIMARÃES, 2009, p. 162). Uma constatação importante enfatizada pela autora a partir de seus estudos sobre as redes sociais e as oportunidades de empregos foi que:

[...] nem todos os indivíduos têm igual acesso às informações ocupacionais pertinentes e, nesse sentido, nem todos se beneficiam de modo igual de suas redes de relações. Por vezes, porque a rede à qual têm acesso é menos eficaz em termos da informação que nela circula; outras vezes porque sua própria posição na rede lhes é menos favorável que a outras pessoas (GUIMARÃES, 2009, p. 162-3).

Não pretendemos fazer uma revisão bibliográfica exaustiva sobre os estudos que analisam a importância das redes sociais na inserção de indivíduos e grupos nos mercados de trabalho. De qualquer forma, a referência aqui feita a estudos que se ocupam com essa temática permite indicar uma tendência das análises enfatizarem a importância das redes sociais no momento da busca de oportunidades de emprego ou, então, em dinâmicas de mobilidade profissional (busca por melhores oportunidades profissionais). Poucos estudos atentam para a análise do lugar das redes sociais enquanto estratégias que indivíduos e grupos utilizam para o alcance de condições favoráveis de trabalho, o que exige conciliar necessidades diretamente vinculadas ao “tempo de trabalho” e as necessidades vinculadas ao “tempo liberado” e ao “tempo de lazer”. Essa ausência de estudos se acentua quando se trata de investigações sobre indivíduos e grupos que têm experiências precárias de inserção nos mercados de trabalho (ocupações temporárias, períodos intercalados de emprego e desemprego), dificultando a criação de condições favoráveis para a permanência nos mercados de trabalho enquanto “mercadoria força-de-trabalho”.

Essas questões ganham ainda mais significado quando se pretende analisar a importância das redes sociais em dinâmicas de inserção e de permanência da população pobre nos mercados de trabalho. Por um lado, por que de modo geral “as redes de indivíduos em situação de pobreza” se mostram “menores, menos variadas em sociabilidade, mais locais e mais centradas na vizinhança do que as redes de classe média” (MARQUES, 2013, p. 1). Por outro lado, por que nos mercados de trabalho no Brasil é a população mais pobre que enfrenta maiores dificuldades na inserção, na permanência e no alcance de condições de trabalho capazes de garantir maior segurança profissional e de renda. Historicamente, os dados existentes sobre mercados de trabalho indicam que o desemprego, a informalidade, os empregos temporários, os menores salários, o maior distanciamento de proteção legal no trabalho, são fenômenos vivenciados de forma mais frequente e intensa pela população pobre (DIEESE, 2012).

Nesse sentido, para indivíduos e grupos sociais cujas condições econômicas e socioculturais são mais precárias – menor escolaridade, redes sociais mais fragilizadas, menores oportunidades de qualificação profissional, condições vulneráveis de renda, entre outras – torna-se fundamental conciliar o acesso ao mercado de trabalho com os cuidados familiares e demais atividades domésticas. Isto se torna ainda mais importante para as mulheres, dado a sobrecarga que sofrem em função de terem que assumir maiores responsabilidades com o trabalho familiar, o que dificulta a sua manutenção em períodos de desemprego e a obtenção de informações

sobre novas oportunidades de ocupação diante de experiências descontínuas de trabalho (períodos permanentes de ocupações temporárias, desemprego, ocupações temporárias).

A análise das redes sociais de indivíduos e grupos em situação de pobreza, nesse sentido, torna-se uma “chave” para uma compreensão da pobreza capaz de superar tanto perspectivas teóricas que remetem aos próprios indivíduos a condição de pobreza (a pobreza entendida como resultado de atributos individuais), quanto perspectivas que atentam apenas para os condicionamentos estruturais “que cercam o fenômeno” (MARQUES, 2013).

3 O perfil socioeconômico dos trabalhadores e trabalhadoras pesquisados

Apresentamos agora os dados da pesquisa realizada com trabalhadores e trabalhadoras residentes em bairros da periferia da cidade de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Como indicado anteriormente, cento e oito trabalhadores e trabalhadoras responderam o formulário de pesquisa. Trabalhadores e trabalhadoras residentes em cinco bairros da cidade de Santa Cruz do Sul: bairros Margarida Aurora, Santo Antônio, Santa Vitória, Viver Bem e Harmonia.

Cabe destacar que Santa Cruz do Sul é um município localizado numa microrregião do Rio Grande do Sul, cuja principal característica é o histórico vínculo econômico, político, sociocultural com a produção do tabaco. Na “região fumicultora de Santa Cruz do Sul” encontra-se o maior complexo agroindustrial de tabaco do Brasil e, especificamente na cidade de Santa Cruz do Sul, está localizado o maior complexo beneficiador de fumo em folha do País, contando com a presença de grandes grupos industriais, tais como a Souza Cruz, a Philip Morris, a Alliance One, a Universal Leaf, a CTA Continental e a Japan International Tobacco.

A presença desse complexo agroindustrial não somente coloca o município numa relação de dependência econômica com a indústria do tabaco, mas também o próprio mercado de trabalho da cidade tem uma dinâmica que, em grande parte, expressa as necessidades desse setor industrial. Uma dinâmica que revela, também, características específicas da situação dos trabalhadores em seu mercado de trabalho. Em Santa Cruz do Sul, um número significativo de pessoas convive com um emprego temporário, trabalhando nos primeiros semestres, em especial nas indústrias fumageiras, enquanto nos segundos semestres esses trabalhadores ficam em casa desempregados, ocupam-se em atividades esporádicas (“bicos”) ou disputam atividades precárias oferecidas na cidade no mercado informal, em especial em serviços, construção civil, coleta e comercialização de materiais recicláveis (CADONÁ, 2015). Nesse sentido, o próprio desemprego em Santa Cruz do Sul tem naturezas diversas: para alguns, ele é um desemprego

temporário, pois se refere a trabalhadores que esperam uma nova safra na indústria fumageira; para outros, ele expressa o desequilíbrio permanente entre oferta e demanda por trabalho, tendo uma condição temporal que não é definida. Uma condição que cria também diferentes tipos de exércitos sociais de reserva, constituído pelos trabalhadores que disputam os empregos permanentes existentes na cidade e pelos trabalhadores que, inclusive pela condição intensa de precarização que possuem no mercado de trabalho, disputam apenas os trabalhos temporários (CADONÁ, 2015).

Os bairros selecionados para a pesquisa são constituídos pela presença significativa de trabalhadores e trabalhadoras que disputam os empregos temporários disponíveis na cidade de Santa Cruz do Sul, convivendo com períodos de desemprego, de inserção em atividades informais e de emprego temporário no setor industrial.

Dentre as pessoas que responderam o formulário de pesquisa a maior parte (67%) está constituída por mulheres, pouco mais da metade (53,6%) tinha entre 30 e 59 anos de idade, a metade (50,9%) estava casada, 59,3% tinham no máximo o ensino fundamental completo e 79,6% residiam em famílias cujas rendas médias mensais (declaradas) era de até dois salários mínimos.

No momento da realização do levantamento (novembro e dezembro de 2019), uma parcela significativa (36,1%) estava desempregada, ressaltando a condição de precariedade no mercado de trabalho que caracteriza a situação de muitas famílias residentes nos bairros investigados. Sob o ponto de vista da situação no mercado de trabalho, somaram-se às pessoas desempregadas, 28,7% que estavam empregados no setor privado (com carteira assinada), 13,9% que eram autônomos, 2,8% que eram assalariados sem carteira assinada, 2,8% que eram empregadas domésticas, 3,6% que atuavam no setor público e 8,3% que estavam aposentados, realizando atividades em suas próprias residências.

Dentre os trabalhadores que estavam trabalhando de forma remunerada, 28,6% trabalhavam na indústria da transformação, 30,3% atuavam em atividades de serviço, 25% atuavam em atividades do comércio e 10,7% eram trabalhadores domésticos. E, embora a maior parte desses trabalhadores (57,1%) estava numa ocupação permanente, uma parcela significativa (41,1%) indicou que suas ocupações eram temporárias.

De modo geral, os trabalhadores pesquisados se inseriram no mercado de trabalho muito cedo. Como pode ser observado no quadro a seguir, apenas 12% começaram a trabalhar a partir dos 19 anos, enquanto 38% começaram a trabalhar com menos de 15 anos de idade (Quadro 1).

Quadro 1: Trabalhadores pesquisados, por idade em que começou a trabalhar

Trabalhadores Com que idade você começou a trabalhar?	N°	%
Menos de 12 anos	15	13,9
Entre 13 e 15 anos	26	24,1
16 anos	15	13,9
17 anos	07	6,5
18 anos	22	20,4
19 anos ou mais	13	12,0
Nunca trabalhou	07	6,5
NS/NR	03	2,8
Total	108	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

São trabalhadores e trabalhadoras que começaram a trabalhar cedo e que têm uma experiência no mercado de trabalho caracterizada pela atuação em diferentes locais de trabalho. Nessa direção, segundo os dados da pesquisa apenas 9,3% tinham trabalhado em apenas um local, desde que começaram a trabalhar; e uma parcela significativa (46,7%) já tinha trabalhado em quatro ou mais locais de trabalho.

As inseguranças vividas por esses trabalhadores ficam evidenciadas quando são analisados os aspectos relacionados às suas experiências de trabalho e as suas opiniões acerca das dificuldades que encontram nos mercados de trabalho (Quadro 2).

Quadro 2: Trabalhadores pesquisados, principais experiências vivenciadas no mercado de trabalho

Trabalhadores: Experiências vivenciadas	Sim		Não		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
Já foi alguma vez demitido	31	28,7	68	63,0	99	100,0
Já trabalhou alguma vez sem carteira assinada	69	63,9	30	27,8	99	100,0
Já trabalhou como temporário (safrista, contrato temporário)	68	63,0	30	27,8	98	100,0
Já ficou algum período sem pagar a Previdência Social	58	53,7	40	37,0	98	100,0
Já trabalhou como terceirizado	32	29,6	66	61,1	98	100,0
Já trabalhou como autônomo	43	39,8	53	49,1	96	100,0
Já trabalhou sem remuneração (sem ganhar algum salário)	29	26,8	67	62,0	96	100,0
Já ganhou menos do que um salário-mínimo	50	46,3	47	43,5	97	100,0
Já sofreu algum acidente de trabalho	23	21,3	73	67,6	96	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Em relação às experiências de trabalho, destaque-se que 31,3% já tinham sido demitidos alguma vez, 69,7% já tinham trabalhado sem carteira assinada, 69,4% já tinham trabalhado de

forma temporária, 59,2% já tinham ficado algum período sem contribuir para a Previdência Social e 51,5% já tinham trabalhado com remuneração inferior a um salário-mínimo (Quadro 2).

Quanto às dificuldades já encontradas em suas experiências de trabalho, as questões mais evidenciadas estão relacionadas à “experiência profissional”, à “falta de estudo” e à “falta de emprego na cidade”. Como está indicado no quadro a seguir, quando os trabalhadores pesquisados falaram sobre as dificuldades que encontram em suas experiências de trabalho, 25% fizeram referência à “falta de experiência profissional”, 27,8% indicaram a “falta de estudo adequado” e 24,1% a “falta de emprego na cidade”. Saliente-se ainda os 17,6% que indicaram como principal dificuldade os baixos salários recebidos e 14,8% questões relacionadas à qualificação profissional (Quadro 3).

Quadro 3: Trabalhadores pesquisados, por principais dificuldades que encontram no mercado de trabalho

Trabalhadores	N°	%
Principais dificuldades		
Falta de experiência e qualificação profissionais	43	39,8
Falta de estudo adequado	30	27,8
Falta de emprego na cidade	26	24,1
Doenças que impediram trabalhar	08	7,4
Baixo salários recebidos	19	17,6
Pressões nos locais de trabalho	06	5,6
Muitas mudanças de emprego	01	0,9
Total	133	123,1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

São dados, portanto, que expressam a condição de trabalhadores e de trabalhadoras que, como já foi indicado anteriormente, têm experiências de trabalho precarizadas, vivenciando situações de desemprego, de subemprego, de baixos salários, de dificuldades para a aquisição de condições socioculturais valorizadas nos mercados de trabalho, necessárias para manter as suas ocupações e para impulsionar dinâmicas de mobilidade profissional.

4 Inserção no mercado de trabalho e redes sociais

As redes sociais, em especial as redes familiares, de vizinhança e de amigos, são de grande importância para os trabalhadores pesquisados, tanto no que se refere ao acesso às

oportunidades de ocupação, quanto à criação de condições para a realização de suas atividades profissionais (“para que se possa trabalhar”). Mais do que isso, nos momentos de desemprego e de agravamento da situação financeira, são nessas redes que os trabalhadores buscam apoio para dar conta de suas necessidades de reprodução individual e familiar.

A importância dessas redes próximas e, nesse sentido, dos “laços fortes”, já se coloca nas experiências iniciais nos mercados de trabalho. Como pode ser observado no quadro a seguir, quando foi perguntado “como conseguiram o primeiro emprego”, ainda que 39,8% responderam que “conseguiram sozinhos”, 32,4% afirmaram que tiveram ajuda de algum familiar e 14,8% indicaram que algum amigo ajudou (Quadro 4).

Quadro 4: Trabalhadores pesquisados, por meio através do qual conseguiu o primeiro emprego

Trabalhadores	N°	%
Como você conseguiu o primeiro emprego		
Eu mesmo consegui	43	39,8
Consegui com a ajuda de um familiar	35	32,4
Consegui com a ajuda de um conhecido (amigo)	16	14,8
Consegui com a ajuda de um intermediário	01	0,9
Consegui através do SINE	01	0,9
Consegui através de um vizinho	01	0,9
Consegui através de um anúncio de jornal	01	0,9
NS/NR	10	9,1
Total	108	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Ao longo das experiências de trabalho, no entanto, a importância das redes sociais pode diminuir, se consideradas enquanto estratégias para a obtenção de uma ocupação. É isso que ficou evidenciado quando foi perguntado aos trabalhadores pesquisados como tinham conseguido suas últimas/atuais ocupações. Como pode ser observado no quadro a seguir, 71,4% afirmaram que conseguiram a “ocupação atual” sozinhos, a partir de estratégias individuais que não necessariamente passaram pela indicação e/ou ajuda de algum outro indivíduo. Dado que não relativiza o grupo constituído por 24% dos que estavam ocupados no momento da pesquisa e que tiveram algum tipo de ajuda ou de familiares, ou de vizinhos e amigos (Quadro 5).

Destacamos nesse último quadro a importância das estratégias pessoais e informais na busca de ocupações. Em que pese o formulário de pesquisa ter oferecido a possibilidade de

indicação de instituições de intermediação de emprego, anúncios de jornais, concursos, essas questões não foram apontadas pelos pesquisados. A busca individual, através de estratégias diversas de procura de ocupação, e as “ajudas” de pessoas próximas (familiares, amigos, vizinhos), nesse sentido, têm maior poder explicativo das formas exitosas de procura de uma ocupação/emprego no mercado de trabalho.

Quadro 5: Trabalhadores que estavam ocupados no momento da pesquisa, por meio através do qual conseguiram o emprego atual.

Trabalhadores	Nº	%
Como você conseguiu o atual emprego:		
Eu mesmo consegui	40	71,4
Consegui com a ajuda de um conhecido (amigo)	06	10,7
Consegui com a ajuda de um familiar	06	10,7
Consegui através de um vizinho	02	3,6
Consegui com a ajuda de um intermediário	02	3,6
Total	56	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Gueiros (2010) chama atenção para o fato de que as famílias de camadas populares são organizadas em redes com a ajuda de parentes mais distantes e pessoas da comunidade, como vizinhos (em prol da sobrevivência), e têm como foco o sistema de obrigações. A autora também afirma que essas se diferenciam das famílias de classe média, que costumam se organizar em núcleos de parentesco mais próximos. A conformação de “famílias estendidas” tem sido apontada como uma estratégia das classes populares para viabilizar o cuidado com as crianças e o apoio com as necessidades de reprodução da vida (FONSECA, 2005).

Os “laços fortes” ganham importância quando são consideradas as condições necessárias para que os indivíduos possam efetivamente atender às responsabilidades decorrentes de suas ocupações profissionais. Nesse momento, as relações familiares e com pessoas próximas são fundamentais para que “se possa trabalhar”. É isso que ficou evidenciado quanto foi sugerido aos trabalhadores pesquisados que avaliassem a importância que um conjunto de pessoas têm na “criação de condições favoráveis para que se possa trabalhar” (Quadro 6).

Observe-se que dois grupos de pessoas se destacam, quando consideradas as pessoas “muito importantes” e “importantes” para que se possa trabalhar: os familiares (pais e irmãos) e os “patrões” (pessoas com as quais já trabalhou). Por um lado, salientam-se os apoios que são encontrados no âmbito familiar; mas, por outro lado, coloca-se a importância das indicações e o repasse de informações potencialmente úteis, por parte de pessoas com quem já se trabalhou

(os “patrões”). Contatos esses que, em um contexto de trabalho doméstico e de realização de serviços informais (pedreiros, eletricitas, pintores, cabelereiras etc.), torna-se importante na constituição de uma rede de potenciais fornecedores de trabalho.

Quadro 6: Trabalhadores pesquisados, por indicação de pessoas que são importantes na criação de condições para que possam trabalhar.

Trabalhadores Pessoas consideradas:	Muito importante		Importante		Pouco importante		Nada importante		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
Amigo de infância	12	12,2	28	28,6	-	-	58	59,2	98	100,0
Amigo atual	13	13,4	28	28,9	03	3,1	53	54,6	97	100,0
Vizinho	12	12,2	30	30,6	03	3,1	53	54,1	98	100,0
Familiar (pai, mãe, irmãos)	20	20,4	33	33,7	-	-	45	45,9	98	100,0
Ex-colega de trabalho	09	9,4	31	32,3	01	1,0	55	57,3	96	100,0
Outro familiar (tio, cunhado, avós)	07	7,6	26	28,3	04	4,3	55	59,8	92	100,0
Patrões (pessoas para as quais trabalhou)	16	16,5	37	38,1	05	5,2	39	40,2	97	100,0
Conhecido do bairro	09	9,3	30	30,9	04	4,1	54	55,7	97	100,0
Intermediário (alguém que contrata trabalhadores)	06	6,3	17	17,7	05	5,2	68	70,8	96	100,0
Pessoas vinculadas à Igreja	08	8,2	26	26,5	02	2,0	62	63,3	98	100,0
Pessoas vinculadas à Prefeitura	04	4,1	20	20,6	03	3,1	70	72,2	97	100,0
Um político local	04	4,1	05	5,1	03	3,1	86	87,8	98	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Claro que não se pode relativizar a importância das respostas “pouco importante” e “nada importante”, mesmo quando consideradas pessoas mais próximas dos trabalhadores pesquisados (familiares, vizinhos, amigos), indicando percepções e experiências que enfatizam as trajetórias e os esforços individuais, mesmo representações acerca do trabalho que não necessariamente vinculam as atividades ocupacionais com as atividades e obrigações mais diretamente vinculadas aos meios familiares. De qualquer forma, também nessas alternativas de respostas fica evidenciado que quanto mais distantes são as pessoas, maiores são os índices indicativos de pouca ou nenhuma importância.

Contudo, essa relativização da importância de outros indivíduos ficou menos perceptível quando os trabalhadores pesquisados foram convidados à indicação de duas pessoas que, de alguma forma e no entendimento deles, os ajudavam em seus trabalhos. Esses dados estão apresentados no quadro a seguir. Nele pode-se perceber que são os familiares, os amigos e os

colegas de trabalho que são consideradas mais importantes e que, portanto, os “ajudam em seus trabalhos” (Quadro 7).

Quadro 7: Trabalhadores pesquisados, por pessoas que os ajudam em questões relacionadas ao trabalho

Trabalhadores	N°	%
Pessoas indicadas		
Mãe e/ou pai	26	12,0
Filhos	02	0,9
Amigos	21	9,7
Irmãos	17	7,9
Marido/esposa	20	9,3
Sogros/sogra	11	5,1
Outro parente (primos e/ou tios)	10	4,6
Ex-patrões	04	1,9
Políticos	02	0,9
Vizinhos	12	5,6
Colegas de trabalho	04	1,9
Outros	02	0,9
Não sabe/não respondeu	85	39,4
Total	216	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019. Pergunta: “Se você fosse indicar duas pessoas que, no seu entendimento, mais te ajudam no teu trabalho (seja por que indicam trabalho, seja por que te ajudam com filhos, seja por que te dão conselhos, seja por que te ajudam de outra forma) quais seriam essas pessoas?”

Essas questões foram confirmadas quando os trabalhadores pesquisados definiram com maior clareza quem eram as pessoas das quais efetivamente recebiam algum tipo de ajuda. Dentre as indicações, 65,6% se relacionam a alguém considerado “da família”, tendo importância, ainda, os amigos e os vizinhos. São dados significativos, que apontam para tendências confirmadoras da importância que os “laços fortes” têm não somente no ingresso e em dinâmicas de mobilidade nos mercados de trabalho, mas, também, como espaços de diferentes formas de apoio/ajuda para que se possa trabalhar.

Os apoios e as ajudas que os trabalhadores pesquisados recebem nas relações que estabelecem com pessoas próximas têm diferentes direções. Não é necessariamente uma “ajuda financeira”, pois os pesquisados não fizeram referência a recursos financeiros que conseguem com as pessoas indicadas como “pessoas com as quais obtêm alguma ajuda”. Mas essas ajudas/apoios não são menos importantes por isso, pois envolvem cuidado de familiares, apoio moral, estabelecimento de relações de confiança, indicações de trabalho, mesmo ofertas diretas de trabalho. Como pode ser observado no quadro a seguir, quando foi perguntado “que tipo de

ajuda/apoio” recebiam das pessoas indicadas, os mais destacados foram: “conselhos” (48,1% dos pesquisados), “pessoa de confiança que ajuda quando precisa” (45,4%), “oferecimento de trabalho” (29,6%), “cuidado de familiares em períodos de trabalho” (28,7%) (Quadro 8).

Quadro 8: Trabalhadores pesquisados que indicaram alguma pessoa que os ajuda no trabalho, por tipo de ajuda.

Trabalhadores	N°	%
Tipo de ajuda		
Cuida de familiares enquanto trabalho	31	28,7
Me dá carona	06	5,6
Me ajuda a levar instrumentos de trabalho	06	5,6
Me ajuda com informações sobre o trabalho	14	13,0
Me dá conselhos	52	48,1
Me indica pessoas para eu trabalhar	21	19,4
Me convida para realizar cursos	14	13,0
Me dá trabalho quando preciso	32	29,6
É uma pessoa que eu confio e me ajuda	49	45,4
Outro	02	1,9
Total	227	210,3

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Por fim, os pesquisados avaliaram a importância de instituições que, potencialmente, podem contribuir para a organização de suas vidas familiares e para suas estratégias de inserção/permanência no mercado de trabalho. A pergunta apresentada relacionou as possíveis ajudas diretamente com o trabalho (“Dentre as instituições indicadas, de qual delas você já recebeu algum tipo de ajuda para o seu trabalho?”). E as respostas indicaram, seguindo a tendência das respostas anteriores, que as relações sociais estabelecidas nos espaços mais próximos tendem a ser os mais importantes e mais valorizados. Note-se, nesse sentido, que dentre as instituições que foram indicadas por maior número de trabalhadores pesquisados estão as famílias (73,7% responderam que já tinham recebido ajuda de suas famílias em seus trabalhos), as Estratégias Saúde da Família (ESFs), as empresas, mas com destaque, também, para as indicações do SINE, da Igreja, da Escola, da Prefeitura (Quadro 9).

O que se observa, portanto, é que para os trabalhadores pesquisados os principais espaços a partir dos quais se estabelece relações sociais que podem repercutir no processo de inserção e de permanência no mercado de trabalho são os espaços mais próximos da vida cotidiana. Esses espaços, no entanto, podem não estar diretamente vinculados a relações que repercutem “no encontrar um emprego”, pois a importância de alguns deles se define pela busca

de ajuda em momentos de desemprego ou, então, diante da necessidade de acessar determinadas condições que amenizem as carências impostas por atividades laborativas que não garantem uma renda suficiente para atender às necessidades individuais e familiares.

Quadro 9: Trabalhadores pesquisados, por indicação de instituições que os ajudam em seus trabalhos

Trabalhadores Instituições:	Já ajudou		Não ajudou		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%
Família	73	73,7	26	26,3	99	100,0
Igreja	32	32,3	67	67,7	99	100,0
Associação de bairro	13	13,1	86	86,9	99	100,0
Prefeitura	29	29,3	70	70,7	99	100,0
SENAI	20	20,2	79	79,8	99	100,0
SINE	36	36,4	63	63,6	99	100,0
SEBRAE	11	11,2	87	88,8	98	100,0
Escola	32	32,3	67	67,7	99	100,0
Empresas	44	44,4	55	55,6	99	100,0
Clube esportivo	10	10,4	86	89,6	96	100,0
ESF/posto de saúde	45	45,5	54	54,5	99	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Esse é o caso, por exemplo, dos espaços das Estratégias Saúde da Família e das Igrejas, nos quais se encontram, além de serviços públicos que atendem necessidades individuais e familiares (acesso às ações de saúde, por exemplo), outras atividades de assistência social (doação de roupas, distribuição de alimentos etc.). Além disso, os profissionais que atuam nesses espaços, muitas vezes se colocam como “indivíduos intermediadores” para o alcance de informações ou para o atendimento de demandas que requerem contatos com os espaços de poder municipal localizados “no centro”.

O que os dados levantados e analisados mostram, portanto, são experiências de vida e de trabalho onde os laços fortes, constituídos nos espaços locais e através de relações com pessoas próximas, com quem se convive no cotidiano familiar e comunitário, têm grande importância enquanto estratégias de inserção e de permanência no mercado de trabalho.

Por um lado, esse contexto de relações sociais indica a importância de se considerar esses contatos e essas relações nas estratégias de enfrentamento às condições precárias que caracterizam as vidas e os trabalhos de muitos desses trabalhadores. Por outro lado, ressalta a importância de se considerar o caráter restrito de relações que vinculam os trabalhadores pesquisados com espaços e instituições capazes de ampliar a capacidade de enfrentamento das dificuldades por eles mesmos sentidas quando avaliam suas experiências de trabalho: as

dificuldades vinculadas à baixa escolaridade e à restrita qualificação profissional, as dificuldades vinculadas à falta de empregos, as dificuldades vinculadas aos baixos salários.

É nesse sentido, inclusive, que se colocam os desafios para a construção de políticas públicas de emprego e de renda para as populações pobres, pois ao mesmo tempo em que as redes sociais estabelecidas no âmbito local e comunitário precisam ser consideradas em suas potencialidades e em suas contradições, é preciso também propiciar o estabelecimento dos “laços fracos”, os quais possibilitam criar relações com espaços e com grupos sociais mais amplos, envolvendo instituições que possam contribuir para a ampliação da capacidade de inserção, permanência e mobilidade no mercado de trabalho (instituições de ensino e de intermediação de empregos, poder público municipal).

5 Considerações finais

Os dados levantados e analisados indicam a complexidade das articulações e das estratégias utilizadas para conseguir uma ocupação, para manter-se ocupado e para garantir a sobrevivência em condições nas quais períodos de ocupação e períodos de desocupação frequentemente se intercalam nas trajetórias de trabalho. As redes de relacionamento, nessas trajetórias, constituem condições essenciais em relação à inserção no mercado de trabalho, às distintas formas de articulação entre os compromissos familiares e de trabalho, à manutenção individual nos períodos de desemprego e ao apoio moral que impulsiona sentimentos de resistência e de insistência em condições precárias de trabalho. São diferentes redes sociais que são articuladas nessas experiências, mas as redes de apoio familiar têm uma importância maior, pois é nelas que parcelas significativas de trabalhadores podem contar de modo mais permanente para dar respostas às necessidades e às dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho.

Nesse sentido, se por um lado os dados levantados indicam a importância das “relações fortes”, que colocam os vínculos sociais estabelecidos com familiares, amigos e vizinhos como estratégia para a inserção e a permanência nos mercados de trabalho, por outro lado são observadas também as dificuldades que as populações pobres enfrentam para a inserção em redes sociais cuja influência nos mercados de trabalho alcança estratégias mais amplas de intermediação de empregos e de qualificação profissional.

Referências

CADONÁ, Marco A. Dinâmicas regionais de organização dos mercados urbanos de trabalho: uma análise a partir dos mercados de trabalho nas cidades da Microrregião de Santa Cruz do Sul (RS). Santa Cruz do Sul, **Estudos do CEPE**, v. 1, p. 87-102, 2015.

CADONÁ, Marco A.; TIRELLI, Cláudia; AREOSA, Sílvia C. Políticas habitacionais, segregação residencial e desigualdades no acesso às políticas públicas: uma análise a partir do acesso a serviços públicos de saúde. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 22, p. 326-45, 2017.

DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2012.

FONSECA, Claudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Saúde e Sociedade**, v. 14, n. 2, p.50-59, 2005.

GUEIROS, Dalva. Família e trabalho social: intervenções no âmbito do Serviço Social. **Revista Katál**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 126-132, jan./jun. 2010.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak tie". **American Journal of Sociology**, v. 78, nº 6, 1973, pp. 1361- 80.

_____. Getting a Job: A Study of contacts and careers. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995. GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAE Eletrônica**, v.6, n.1, jan/jun, 2007.

GUIMARÃES, Naya Araujo. A sociologia dos mercados de trabalho, ontem e hoje. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 85, p. 151-70, nov. 2009.

MARQUES, Eduardo. Pobreza, sociabilidade e tipos de redes sociais em São Paulo e Salvador. **Visioni LatinoAmericane è la rivista del Centro Studi per l'America Latina**, n. 8, p. 42.59, gennaio 2013.

OLIVEIRA, Adriana Lucinda de; SILVA, Luiz Everson da. As contribuições dos estudos de Granovetter para o debate sobre o processo de tessitura de laços e redes no contexto da inserção profissional de egressos do ensino superior. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 4, n. 7, p. 103-14, jul/dez 2015.

PEIXOTO, João; EGREJA, Catarina. A força dos laços fracos: estratégias de emprego entre os imigrantes brasileiros em Portugal. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 24, n. 1, p. 263-81, jun. 2012.

STEINER, Philippe. **A sociologia econômica**. São Paulo: Atlas, 2006.

TIRELLI, Claudia; CADONÁ, Marco A.; AREOSA, Sílvia C. **Redes familiares de apoio e inserção da população no mercado de trabalho**: uma análise a partir de trabalhadores das periferias de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2020. (Relatório de Pesquisa).